

É uma filosofia que faz. Pode objetar-se que o existencialismo é uma filosofia neste sentido, já que procura analisar diversos aspectos da situação na qual nos encontramos. O presente artigo dará um exemplo, a meu ver fundamental, da insuficiência das análises, até agora ensaiadas. Para o existencialismo tem a situação humana a forma "seguinte": o homem está lançado em meio de circunstâncias, essa circunstância forma o seu horizonte, e consiste de objetos de outros homens. Deende-se da tese que essa forma de situação não se aplica a um novo tipo de situação que está se tornando sempre mais frequente. Nesse novo tipo aparece, e o horizonte é constituído de funcionários que funções em função do aparelho. Retudo em designar o funcionário.

SUMÁRIO

Vítem Flusser:
DO FUNCIONÁRIO

Leda Perrone-Motte:
A PALAVRA EXCÍGENTE
DESENHO

Pag. 1

RESENHA BIBLIOGRÁFICA
Otto Maria Carpeaux:

BUREOCRACIA E FICÇÃO

Wilson Martins:

A QUERELA LINGÜÍSTICA
A ESTREADA (Conto)

Renata Paillottini:

VIOLA D'AMORE (Poesia)

Paulo Ronai:

ENTRADA AO FRANCES

Dalcíntara Silveira:
POEMAS E HISTÓRIAS
EM QUADRINHOS

Cid Marcus:

JOÃO CARLOS, BYRON
E O ROMANTISMO (III)

Romero Barros:

A SEMANA E OS LIVROS

Temistocles Linhares:

CRÍTICA DE CRÍTICOS

Domingos Carvalho da Silva:

EROS E ORTEU

Mario da Silva:

UM MORTO NO PORÃO

Francisco Luiz de Almeida

Salles:

CINEMA E "BELLE
EPOQUE"

José da Veiga Oliveira:
DUAS EPÍSTOLAS

Emílio Maia:
A ESCULTURA DA ÁFRICA

NEGRA

João Góeser Simões:

O MODERNO EM POESIA

Lívio Xavier:

REVISTA DAS REVISTAS

Pag. 5

Pericles Eugenio da Silva

Ramos:

JOÃO CARLOS, BYRON
E O ROMANTISMO (III)

Romero Barros:

A SEMANA E OS LIVROS

Temistocles Linhares:

CRÍTICA DE CRÍTICOS

Domingos Carvalho da Silva:

EROS E ORTEU

Mario da Silva:

UM MORTO NO PORÃO

Francisco Luiz de Almeida

Salles:

CINEMA E "BELLE
EPOQUE"

José da Veiga Oliveira:

DUAS EPÍSTOLAS

Emílio Maia:
A ESCULTURA DA ÁFRICA

NEGRA

João Góeser Simões:

O MODERNO EM POESIA

Lívio Xavier:

REVISTA DAS REVISTAS

Pag. 4

situação é um característico do homem. É neste sentido que dizemos que o homem "existe", isto é, "é-k-siste" (superá). O funcionário não existe neste sentido do termo. E por isto que reluciu em chamar de homem. Para o funcionário perfeito o aparelho tem plena autonomia. É um sistema fechado sobre si mesmo. Não se pode falar em "finalidade do aparelho" do ponto de vista do funcionário, porque a finalidade do aparelho está além da situação, portanto no transiente. Para o funcionário a questão é a finalidade do aparelho em função do qual ele funciona é uma pergunta total daquilo que ainda é funcionalista no sentido benológico do termo. Carece de significado.

Em consequência são os movimentos do funcionário (aquele que podemos chamar de "vida do funcionário") caracterizados pela circularidade. A vida do funcionário gira em círculos em redor do aparelho.

E o eterno retorno do sempre idêntico, mas que não é totalmente eterno, porque o funcionário denota, após alguns milhares de ciclos, falhas no seu funcionamento. E' o cansaço do material que faz com que o funcionário seja aposentado. Isto é, relegado para uma situação sem centro. Nessa situação o funcionário dá ainda algumas voltas em ponto morto, para depois deixar de funcionar em definitivo.

Os círculos que o funcionário descreve em redor do aparelho variam quanto à frequência da rotação e quanto ao ralo que o separa do centro. Um funcionário bem integrado no aparelho gira com frequência e proximidade crescentes em relação ao aparelho. O funcionário avança e progride. Esse seu progresso varia em função do aparelho, e, à medida que avança, aumenta o seu ralo no conjunto do funcionário. Este é o significado da frase um pouco difícil que prometi elucidar quando fiz a função como conceito. A frequência e o diâmetro dos círculos em redor do aparelho são a medida de valores do funcionário: são sua norma.

Valores que não se adaptam a essa norma não serão admitidos, nem percebidos. A medida do movimento do funcionário que chamei um tanto entusiasticamente de "vida" é o círculo mais estreito. Funcionários que giram em círculos estreitos e em frequências altas, isto é, funcionários que frequentam círculos na proximidade imediata do aparelho, são funcionários plenamente realizados. Se o aparelho for muito grande, e o número dos funcionários muito elevado, poucos funcionários estarão bem adaptados a ponto de poderem realizar-se interiormente. Estes poucos (por exemplo, presidentes de empresas administrativas comerciais ou políticos) serão confundidos por muitos com o próprio aparelho. Mas tratar-se de uma ilusão da ótica criada pela distância, já que o funcionário jamais se confunde com o aparelho. Por

tônomos da actualidade ainda exigem um fator humano para dar-lhes impulso e para programá-los. E os funcionários mais perfeitos da actualidade ainda conservam vestígios do humano. Mas é óbvio que aparelhos autónomos são perfeitamente realizáveis e que sejam realizados pela própria força do progresso, o qual é, em última análise, um aparelho em busca automática de autonomia. E é igualmente óbvio que funcionários perfeitos serão realizados, já que os vestígios do humano que ainda conservavam entraram o seu funcionamento. A situação que descrevi é idealizada, mas será realmente dada em breve. A transformação total daquilo que ainda é funcionalista no sentido benológico é uma questão de tempo. Aliada a outros fatores, alguns dos quais mencionei no primeiro parágrafo.

Na tentativa de responder à

pergunta pela propriedade "subdesenvolvidos". O progresso, cujos aspectos apontando o aparelho e o funcionário procuram esboçar, está aqui arrastado. Estamos em situação transformada - peia mera posição geográfica que ocupamos. Não é uma transformação das mais elegantes, mas serve como motivo de partida. Podemos portanto contribuir, talvez significativamente, para a elaboração de uma filosofia que formule valores e aponte rumos ao progresso.